

INTERACIONISMO SIMBÓLICO: SUGESTÃO METODOLÓGICA À PESQUISA DO UNIVERSO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Lucimeire Santos Carvalho*
Climene Laura de Camargo**

RESUMO: *Este artigo tem por objetivo revisar o referencial teórico-filosófico do Interacionismo Simbólico e evidenciar seu uso metodológico na abordagem qualitativa de pesquisas que envolvem crianças hospitalizadas e intervenções de enfermagem. Trata-se de um estudo bibliográfico, abrangendo o período de 1977 a 2001. Concluiu-se que essa metodologia de pesquisa é adequada para a pesquisa em enfermagem pediátrica, portanto, pode ser largamente utilizada pelos enfermeiros interessados em buscar, na experiência da população infantil, informações não documentadas e capazes de direcionar a assistência de enfermagem.*

Palavras-chave: Enfermagem pediátrica; Interacionismo Simbólico; Pesquisa.

INTRODUÇÃO

O Interacionismo Simbólico vem desenvolvendo-se na tentativa de responder às interrogações e expectativas sociais dos diversos fenômenos e acontecimentos que surgem na vida cotidiana, sendo que esses questionamentos, nas últimas décadas, giram em torno de como o ser humano se comporta no mundo.

A utilização do Interacionismo Simbólico como referencial nas pesquisas de enfermagem é incipiente. O número escasso de produções científicas pode ser justificado pelo desconhecimento sobre esse referencial e a sua aplicabilidade.

De acordo com Mattos (2001, p.14), o Interacionismo Simbólico constitui-se um referencial utilizado para “observarmos os modos como grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas, com o objetivo de apreender o significado do cotidiano nos quais as pessoas agem”.

A finalidade é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação dos indivíduos, visto que cada experiência é diferente, portanto, sempre traz novos elementos no contexto em que o fenômeno, a ser compreendido, está inserido.

No Interacionismo Simbólico, não se almeja explicar as causas e conseqüências dos acontecimentos, mas, sim, a compreensão e descrição do fenômeno como se apresenta, explorando as tantas possibilidades em que pode mostrar-se através das crenças, valores e respostas do ser humano à situação. A esse respeito, Paru (1997, p.152) relata que “o simbólico repousa sobre um conjunto de representações que nós fazemos das coisas que compreendemos”.

A busca pela teoria do Interacionismo Simbólico para a pesquisa na área da enfermagem, e particularmente a pediátrica, responde a necessidade de compreender a experiência vivida pelo ser humano através do resgate da produção dos sentidos e práticas discursivas do cotidiano: ações/comportamentos e diálogos.

* Mestre em Enfermagem na área de Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Docente da Universidade do Estado da Bahia. Enfermeira Assistencial do Centro Pediátrico Hosannah de Oliveira da Universidade Federal da Bahia (UFBA); meirebom@ig.com.br.

** Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Em face dessas considerações, o presente artigo tem por objetivo revisar o referencial teórico-filosófico do Interacionismo Simbólico e evidenciar seu uso metodológico na abordagem qualitativa de pesquisas que envolvem crianças hospitalizadas e intervenções de enfermagem, abrangendo a literatura do período de 1977 a 2001.

ASPECTOS CONCEITUAIS DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

Mattos (2001) conceitua o Interacionismo Simbólico como um detalhamento criterioso na descrição do comportamento humano através da transcrição lingüística verbal e não-verbal – olhares, pausas, tom de voz, detalhes da interação e o significado da mesma.

As pesquisas que têm por objetivo apreender comportamentos, sentimentos e expectativas da criança podem enveredar pelo caminho do Interacionismo simbólico para dimensionar o que significa os símbolos na sua fala, nas imagens construídas em desenhos, nos comportamentos apresentados – *um pedido de socorro, um desabafo, insatisfação, uma interação positiva*.

A simbologia possibilita perceber a dinâmica das relações entre o sujeito e os símbolos de interação – *ambiente, pessoa e contexto* e mais precisamente os processos interativos que estão envolvidos nessas relações.

No discurso de Mattos (2001, p.7), fica claro que a interação simbólica é como um ato de pensamento pelo qual um sujeito se relaciona a um objeto. “O *objeto* de pesquisa agora *sujeito* é considerado como *agência humana* imprescindível no ato de fazer sentido...”, estando firmemente demarcada pela noção de apropriação da realidade externa, através do pensamento - elaboração psicológica (*cognitiva e afetiva*) e social da realidade.

Blumer (1980), ao refletir sobre o alcance desse pensar, assevera que as investigações que utilizam o Interacionismo Simbólico não devem estar presas a modelos e/ou esquemas, pois a ação do sujeito é calcada nos significados que ele imprime naquilo que está fazendo. Em se tratando de pesquisas que envolvem crianças, sabe-se que estas, pela sua própria natureza, mostram através das suas ações *o que pensam, o que sentem e por que agem dessa ou daquela maneira*, inviabilizando a identificação de seus sentimentos e expectativas que não seja por uma abordagem de aproximação e conquista.

Embora as diversas correntes teórico-filosóficas venham tentando se aproximar da compreensão de como se elaboram ou se engendram as características humanas, a maneira pela qual os sujeitos sociais apreendem os acontecimentos da vida, as dificuldades, perspectivas e as relações sociais, no caso da criança, pode ser mais facilmente compreendida pelo Interacionismo Simbólico.

A análise simbólica requer um aprofundamento exaustivo do fenômeno estudado, a fim de estabelecer descrições e relações entre os fenômenos que se pretende estudar. Blumer (1980, p. 122) propõe que a interpretação do processo de construção simbólica seja pela dimensão que a experiência tem para o sujeito, porque “algo é sempre acrescentado pelo sujeito concreto que vivencia aquele ato e pelo momento específico em que acontece”.

Contudo, para que o Interacionismo Simbólico seja empregado como teoria capaz de traduzir as informações providas das crianças, faz-se necessário que o enfermeiro conheça seu conceito, origem e fundamentações.

Dessa forma particularizada, os autores nos remetem à busca da essência da realidade empírica através do entendimento dos significados que provêm da interação. Segundo Blumer (1980), a natureza das interações e ações humanas desempenhadas pelo indivíduo decorre de três premissas.

A primeira premissa é que a ação dos indivíduos pode modificar em relação aos objetos, seres humanos, instituições ou situações sociais depende do significado que eles têm para o

indivíduo, sendo que o comportamento humano mostra-se a partir do reconhecimento e compreensão dos elementos do mundo.

O indivíduo, tal como se analisa nessa Teoria, é uma forma de expressão social, responde à vivência, reflete experiências sociais, por isso não pode ser interpretado fora de seu contexto de vida; entende-se assim que há uma estreita relação entre sintomas corporais e as percepções do indivíduo em frente das situações que o envolvem.

A segunda premissa é que a fonte dos significados é a interação social. O significado atribuído às coisas é fruto da interação social que os seres estabelecem uns com os outros.

E a última premissa traduz que a utilização dos significados ocorre através de um processo de interpretação. A interpretação é um processo utilizado para fazer com que os significados simbolizem uma ação, ou seja, os significados são instrumentos para guiar e formar a ação.

Na interação, o momento vivido no presente é valorizado, o ser humano não é apenas influenciado pelo que aconteceu no passado, mas pelo que está acontecendo no exato momento vivido. O passado tem importância no presente, na situação de agora, sendo resgatado conforme a lembrança que o indivíduo tem dele.

A interação é um processo dinâmico que implica na ação dos indivíduos em relação aos outros. O indivíduo é imprevisível e ativo, o que implica dizer que está *agindo* constantemente em relação às pessoas, objetos e instituições sociais, percebendo, interpretando e *reagindo* (ÂNGELO, 1997).

O agir evidencia a liberdade de escolhas conscientes e deliberadas, direções assumidas, avaliação das próprias ações e ações dos outros (CHARON, 1989).

Blumer (1980) explica que, em cada situação de interação, o sujeito está em um momento de sua trajetória particular, trazendo consigo determinadas possibilidades de interpretação do material que obtém do mundo externo. Porém, a interação não é somente o que está acontecendo externamente ao indivíduo, mas o que decorre do seu interior. O conteúdo interno dos indivíduos e como agem no mundo definem as situações - realidade definida ativamente pelo indivíduo conforme interação consigo mesmo (self) e com o mundo e como essa interação com os outros influencia sua definição.

À luz desse referencial, a *interação* é identificada como elemento fundamental dos comportamentos.

A natureza dos objetos do mundo é social, uma vez que seus significados são formados a partir de formas de interpretar dadas pela sociedade e da interpretação dos sujeitos, moldada no dia-a-dia, no cotidiano. O espaço do nascimento dos significados - a interpretação dada pela sociedade e a promovida pelo sujeito - é a comunicação, a interação entre sociedade e indivíduo. (BLUMER, 1980; p.124)

Nessa perspectiva, para compreender as idéias principais do Interacionismo Simbólico, são imprescindíveis os conhecimentos de *interação e situação*, já descritos anteriormente e debruçar-se sobre os seguintes conceitos: símbolo, self, mente, assumir o papel do outro, ação humana e linguagem.

O símbolo é o conceito chave do Interacionismo Simbólico, pois sem símbolo não há interação. Essa unidade de referência é utilizada para representar algo. É, portanto, um objeto social usado para pensar, representar, interagir e comunicar-se com os outros e consigo. Essa unidade de referência serve para revelar algo que está além da aparência externa do objeto; são arbitrariamente estabelecidos e modificados pela interação daqueles que os utilizam.

O self, ambiente interno do indivíduo, é um objeto social que surge na infância. Ele é iniciado através da interação das crianças com os pais, familiares e outras pessoas. Enquanto crianças, os indivíduos estão experimentando *o novo*, desfrutando das experiências ao longo do processo de desenvolvimento, o que faz com que o self seja definido e modificado constantemente.

Segundo Mead (1977), o self apresenta duas fases: O Eu e o Mim. Na primeira fase, refere-se ao indivíduo como sujeito, evidenciando as características, as tendências espontâneas, não socializadas. Já na segunda, reconhece o indivíduo como objeto social, que se origina na interação. Nessa fase o indivíduo socializado comunica-se, dirige, julga, identifica, participa e avalia situações na interação com os outros.

Para o desenvolvimento do self, Charon (1989) aponta quatro estágios de evolução:

- O estágio preparatório - estágio inicial, caracterizado pela dificuldade das crianças na comunicação simbólica expressas por palavras. Nesse momento a criança não domina o conhecimento de pessoas e objetos, podendo imitar o adulto.
- O estágio da brincadeira - nesse estágio, a criança desenvolve a capacidade de se perceber como pessoa, apreciando sua identidade, como também as pessoas significativas que fazem parte do seu convívio familiar e social.
- O estágio dos jogos - adquire a compreensão sobre regras e moral. A criança internaliza que existem regras a cumprir, passando a agir no controle de si mesmas. Os limites e respeito aos outros estão estabelecidos pelo sistema de moral que cotidiana e culturalmente vai adquirindo.
- O estágio dos grupos de referência - define-se pela capacidade do self de aprendizado em grupo. A criança nesse estágio já é capaz de se encaixar dentro de vários grupos sociais e assumir papéis dentro desses grupos de acordo com o direcionamento do grupo.

A mente é uma atividade que se dirige ao self. Através da mente o indivíduo interpreta ativamente o mundo, dando definição aos objetos em interação.

Considera-se como processo mental a interação simbólica por meio da qual o indivíduo manipula símbolo e comunica-se ativamente com o seu self. Charon (1989, p. 161) enfatiza que “mente é ação, ação que usa símbolos e dirige esses símbolos em relação ao self. É o indivíduo tentando fazer algo, agir em seu mundo”. A ação é entendida como resposta da mente não a objetos, mas à simbolização que o indivíduo faz a si mesmo e aos outros na situação.

Para atingir a comunicação e interação simbólica, é preciso assumir o papel do outro, que quer dizer, compreender *como* e *porque* as pessoas agem *dessa* ou *daquela* maneira. Esse entendimento do outro por nós e vice-versa, faz parte dessa atividade mental, considerada por Charon (1985) como a mais importante do Interacionismo Simbólico, porque possibilita o desenvolvimento do *self*.

Desse modo, a força do discurso está na constante interação dialógica e relevância da linguagem não-verbal – expressões faciais, gestos, posturas, silêncios, o que permite o enriquecimento da análise e descrição do contexto do foco do estudo em diferentes dimensões. Isso porque a dialogia não se esgota e nem finda no diálogo; os detalhes de subjetividade são incorporados ao conteúdo, viabilizando reflexões sobre – *linguagem, história e pessoa*.

A linguagem do Interacionismo Simbólico transcende a documentação sobre uma determinada experiência porque difere da identificação de um determinado fenômeno, do levantamento de problemas do indivíduo, ou da simples descrição de sinais e sintomas isolados. Para compreender a linguagem do simbólico, é preciso colocar em evidência o comportamento humano, sentimentos, expectativas, necessidades, enfim, apreender as vivências do ser humano, considerando o que *tem significado* para a pessoa que vive uma determinada situação. Tal

significado substancia, fornece o rumo e continuidade para o cuidado a ser prestado, pois revela as expectativas e comportamento do ser cuidado, na expressão/interação cotidiana.

Esse referencial pode desvelar *nuances* sobre o ser cuidado, o conteúdo do cuidar, vivências e interação do ser com o cotidiano, de forma que o conhecimento *re-apresentado* contribuirá para melhorar a prática de cuidar em enfermagem, especialmente, na pediatria onde o *ser* cujas ações, falas, atitudes, comportamentos revelam símbolos, tem história e uma vida social. *Ser* esse que necessita ser compreendido, orientado, afagado, excitado e conduzido no enfrentamento das situações difíceis; para isso, precisamos compreendê-lo.

INTERACIONISMO SIMBÓLICO E A PESQUISA EM ENFERMAGEM

A comunicação com a criança tem sido uma das dificuldades relatadas pelos profissionais de enfermagem. E nesse contexto, não é incomum presenciarmos profissionais perderem a paciência com crianças por não entenderem que determinadas características, apresentadas por elas, são inerentes à idade.

Na maioria das vezes, essa atitude de impaciência é originária da dificuldade de compreensão da comunicação não-verbal, a qual requer observação acurada do comportamento da criança.

É freqüente a observação pela enfermagem de comportamentos de luta apresentados pela criança - espernear, chutar e morder, que são comumente classificados como anti-sociais ou agressivos; ou, ao contrário, a indiferença, associando a passividade apresentada pela criança com a aceitação da situação.

Nessas ocasiões, os profissionais podem perceber-se inseguros, até mesmo para efetivar os procedimentos técnicos, não conseguindo estabelecer um relacionamento com a criança, gerando um afastamento de ambas as partes.

Nessa realidade, percebe-se a contribuição do Interacionismo Simbólico como ferramenta para compreensão do universo da criança, pois essa Teoria faz emergir a importância do discurso das crianças, que estão silenciando ou falando, contando histórias, brincando, enfim expressando sua autonomia, vontade, afetividade e subjetividade.

Através do Interacionismo Simbólico, pode-se desvelar a lógica oculta de certos comportamentos resultantes da interação entre a criança e os profissionais de saúde.

Exatamente nesse ponto surge o esforço de ter que entender a linguagem infantil; enfim comportamentos, enfatizando a interpretação que lhe é devida e que essa interpretação não se restrinja ao olhar do profissional de saúde como uma atividade meramente lúdica no âmbito hospitalar e, sim, busque o significado real da mensagem.

Outro aspecto que pode ser abordado através do Interacionismo Simbólico é o discurso isolado da criança ou analisado conjuntamente, quando a mesma se comunica com os genitores, familiares ou equipe de saúde.

Considera-se o diálogo como a forma mais simples e adequada de se expressar verbalmente. Em um diálogo a pessoa participa completamente da vida do outro em corpo, alma, espírito e ações. Através da apreciação dessa fonte de comunicação, a enfermagem poderá identificar sentimentos e expectativas da criança hospitalizada (SCHEINEIDER et al, 1994).

O papel da enfermagem para minimizar o estresse da criança hospitalizada deve ser desempenhado através de ações como: ajudar a criança a se sentir menos insegura em um ambiente estranho, reduzir ou avaliar o medo do desconhecido, permitir a expressão de sentimentos e propiciar oportunidades de participação da criança no seu "cuidado" (ANDRADE, 1993)

A enfermagem pediátrica possui um grande desafio, que é entender o que a criança está comunicando através da sua linguagem corporal (gestos e expressões), verbal (fala) e cognitiva (desenhos e brincadeiras).

Nesse âmbito, o Interacionismo Simbólico emerge como uma possibilidade de captação e compreensão das informações advindas das crianças. E esse processo de compreensão se dá por meio da avaliação da linguagem simbólica da criança.

Essas questões mostram que analisar o discurso é algo muito importante, porém as palavras, ao mesmo tempo em que podem evidenciar, podem também camuflar situações; já as manifestações corporais, quando entendidas como metáforas corpóreas (BARBOSA, 1996), revelam complexidades a serem desvendadas. O corpo pode não dizer nada, mas expressa tudo, as expressões corporais são, antes de tudo, uma forma de objetivar algo subjetivo, que está diretamente ligado à vida social e ambiental.

Alguns trabalhos desenvolvidos por enfermeiras, utilizando como metodologia o Interacionismo Simbólico, como os de Moreira e Dupas (2003) que tiveram o propósito de compreender o significado de saúde e doença sob o olhar da criança, Ribeiro (1999) que evidencia como se dá o enfrentamento da criança a hospitalização, como também o de Carvalho (2003) que analisa o comportamento das crianças diante dos estressores pré-cirúrgicos, mostram as possibilidades de análises reflexivas do comportamento da criança diante das situações de saúde, internamento, cirurgia, exames e procedimentos hospitalares, mostrando o quanto se faz necessário a compreensão desse universo para atuação da enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Interacionismo Simbólico representa uma das principais escolas de pensamento da sociologia e tem como característica incorporar a reflexividade na análise da ação (MEAD, 1977). Assimilado pelo pensamento sociológico como parte da psicologia social sociológica, o Interacionismo simbólico é largamente representado nos estudos sobre o cotidiano e da interação face a face, como ocorre nas relações entre os profissionais de saúde e a criança no âmbito hospitalar (GIDDENS, 1997).

Essa relação assume que o meio ambiente, neste caso, o hospitalar, não deve ser considerado um mundo externo neutro, mas um mundo que se refere à intencionalidade da pessoa em ação. Por isso, as experiências negativas do passado podem vir à tona no presente para o enfrentamento de uma situação semelhante. E se o ambiente se apresentou inócuo em algum momento da vida da criança, claro que re-viver a situação terá um significado diferente, porém com as influências que situações anteriores geram em seu *self*.

Assim, o significado requer um contexto. O significado de uma ação não pode ser explicado pela estreita visão do comportamento isolado. O significado é dado pelo contexto da ação onde a expressão corporal revela uma parte do significado. Se, ao analisar uma ação ou comportamento, não avaliarmos a interação social, não poderemos relacionar os diferentes significados, com as diferentes ações e os diferentes contextos. E, portanto, não irá se conseguir entender plenamente a motivação dos comportamentos (CHARAUDEAU, 1992).

A abordagem simbólica atribui considerável importância ao significado e à interpretação essencial do processo humano (BLUMER, 1980). Isto é, o sentido individual é fundado nas interações e aquilo que o “eu” faz é regulado pelas experiências que *teve ou tem*. As estruturas simbólicas construídas nas interações passam a regular estas mesmas interações e outras das quais o indivíduo participa, numa circularidade.

Diante do exposto, quando a assistência de enfermagem é dirigida à criança, o profissional do cuidar deve estar consciente das formas peculiares de sentir e perceber que a

criança apresenta em cada fase do crescimento e desenvolvimento e seus métodos individuais de lutar contra as adversidades do ambiente em que se encontra inserida.

Nesse sentido, com base nas discussões sobre Interacionismo Simbólico, conclui-se que essa metodologia de pesquisa é adequada para a pesquisa em enfermagem pediátrica, portanto, pode ser largamente utilizada pelos enfermeiros interessados em buscar na experiência da população infantil, informações não documentadas e capazes de direcionar a assistência de enfermagem.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para despertar o interesse pelo desenvolvimento de pesquisas norteadas pela metodologia do Interacionismo Simbólico, assim como para estimular o desejo de aprofundar os conhecimentos nessa temática.

REFERÊNCIAS

1. Andrade VRO. Interação de enfermagem em processo criança/mãe/equipe de hospitalização. *UERJ* 1993; 1:28-35.
2. Ângelo M. *Com a família em tempos difíceis: uma perspectiva em enfermagem* [Tese para Livre-Docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 1997.
3. Barbosa SRCS. *Qualidade de vida e suas metáforas: uma reflexão sócio-ambiental* [Tese de Doutorado em Ciências Sociais] São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, 1996.
4. Blumer H. *A natureza do Interacionismo Simbólico*. In: Mortesen, CD. Teoria da comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980, p.119-138.
5. Carvalho LS. *Convivendo com o estranho e o desconhecido: o enfrentamento da criança aos estressores pré-cirúrgicos infantis* [Dissertação]. Salvador: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia; 2003.
6. Charon JM. *Symbolic interactionism*. 3 ed., Engleward Cliffs, Prentice-hall, 1989.
7. Charon JM. *Symbolic interactionism: an introduction, an interpretation, an integration*. 2 ed. Englewood. Cliffs, Prentice-hall, 1985, 199p.
8. Charaudeau P. *Grammaire du sens et de léxpression*. Paris: Hachete, 1992.
9. Giddens A. *Política, Sociologia e Teoria Social*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
10. Littlejohn SW. *Theories of human communication*. Belmont, CA: Wadsworth, 1992.
11. Mattos CLG. A abordagem etnográfica na investigação científica. *UERJ*, 2001; p.1-16.
12. Mead GH. *On social Psychology*. Chicago. The University Chicago Press, 1977.
13. Moreira PL, Dupas, G. Significado de saúde e doença na percepção da criança. *Rev. Latino-Americana de Enfermagem* 2003; 11:757-762.

14. Paru DCV. A formação do simbólico. *Rev do Núcleo de Estudos Canadenses*. Universidade do Estado da Bahia. Associação Brasileira de Estudos Canadenses–ABECAN 1997; p.147-162.
15. Ribeiro CA. Crescendo com a presença protetora da mãe: a criança enfrentando o mistério e o terror da hospitalização[Tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem USP;1999.
16. Spink MJ e cols. In: Spink MJ. *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez; 2000, 292p.
17. Scheineider JF, Pereira, MA, Valle, ERM. Algumas considerações sobre a agressividade na criança – Implicações em enfermagem. *Rev Gaúcha de enfermagem* 1994; 15:41-16.